

A LINGUAGEM, A SEMIÓTICA E A CARTOGRAFIA *

Mafalda Nesi FRANCISCHETT**

Marcos Kazuo MATUSHIMA***

Resumo: A linguagem é a ciência da voz e a primeira das grandes invenções. Através da fala é que o homem se faz homem e possibilita mostrar o que a coisa era ou é. A aprendizagem da linguagem se faz usando as palavras. Para Vigotsky, a linguagem é o mais importante esquema de mediação do comportamento humano. A relação pensamento-linguagem é a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. A metalinguagem, que é a utilização de símbolos, é uma das grandes contribuições da linguística para o desenvolvimento do estudo da linguagem. A semiótica é a doutrina dos signos e dependendo do modo como se estabelece a relação entre signos teremos o símbolo, o índice e o ícone. É através da semiologia gráfica que estão embasadas as representações cartográficas.

Palavras-chaves: Linguagem; Pensamento; Semiótica; Cartografia; Comunicação.

A linguagem

A invenção da linguagem é a primeira das grandes invenções, aquela que contém em germe todas as outras. Para os antigos a linguagem era *epistême phonetikê*, a ciência da voz da realidade.

Para Humboldt a linguagem

“é compreendida em sua verdadeira essência, é a realidade em contínuo e perene devir. Até a sua conservação incompleta, mumificada, que, por sua vez, requer realizar-se na palavra viva. A linguagem não é uma obra, mas uma atividade. A verdadeira definição não pode ser senão genética. A linguagem é o perene trabalho do espírito, preocupado em tornar o som articulado idôneo para exprimir o pensamento. A rigor dos termos, esta e a definição do falar em cada momento mental, pode-se considerar linguagem a totalidade deste falar”. (In : Buzzi, 1992, p. 245).

A faculdade de falar é que faz o homem homem. A linguagem é a voz que manifesta aquilo que a coisa era ou é. Possibilita criar nossa existência no ser. Uma existência que conhece, imagina e confia. Para Buzzi (1992) a fala promove a realidade em substância animada, põe-na em circulação, não a deixa petrificar-se.

Para Saussure a linguagem é um sistema cujos termos são todos solidários, em que o valor de um não resulta senão da presença simultânea dos outros. É importante salientar que:

* "Paper" elaborado para a disciplina Metodologia Científica em Geografia, ministrada pelo professor Eliseu Savério Spósito, no Curso de Pós - Graduação em Geografia.

** Doutoranda no Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900- Presidente Prudente - SP - Brasil.

*** Mestrando no Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

“A linguagem se pronuncia em palavras que são , em seu todo, caminho que procura a realidade, como o corpo, em seus múltiplos, é caminho que procura a vida animal e a árvore, em suas folhas, flores e frutos, é caminho que procura a seiva vegetal”. (Buzzi, 1992 p. 241).

Na linguagem estão contidos sistemas de uso de todos os signos. Quando falamos, atualizamos um sistema, fazemos o uso dos signos. Nesse uso, os indivíduos se comunicam e estabelecem contato com a realidade. A comunicação só acontece mediante usos ou jogos lingüísticos.[▼]

Significar é próprio da linguagem. Quando falamos, usamos palavras que significam. Na função de significar. As palavras são símbolos ou signos.

A aprendizagem da linguagem se faz usando as palavras, através desta atividade vamos descobrindo o sentido das palavras e na escolha das palavras estaremos realizando a linguagem que possibilitará a comunicação.

A aprendizagem das palavras nos transporta para o mundo simbólico vivido real, onde as mesmas têm sentido e representação. A linguagem nos permite pelos sentidos (ouvir, ver, sentir) conhecer a realidade.

“Falar não é apenas vocalizar ou emitir sons... É um ato prático que consegue abrir a porta da realidade, e nela entrar e morar; é também um ato teórico que luta por um enunciado, por uma declaração por um julgamento. Nos enunciados simples, nas declarações complexas e nos solenes relatos há um comando, uma prescrição, uma recomendação, um pedido, uma solicitação, uma súplica... há o empenho de sentir a realidade.” (Buzzi, 1992, p. 273).

Segundo Fazenda (1995), a linguagem assinala a linha de encontrar entre o eu e o outro pois ao tentarmos nos explicar, ao tentarmos nos fazer entender, estamos ao mesmo tempo nos descobrindo e tentando descobrir o outro para fazê-lo nos entender.

A linguagem se estabelece através do comprometimento da pessoa com as coisas e com as pessoas, é a elaboradora da história do próprio homem, é uma estrutura de sinais. É um veículo pelo qual se tem acesso às representações dos indivíduos ou dos grupos sociais. Também é um fundamento da mediação e da interpretação de conhecimento.

“O termo linguagem se estende aos sistemas aparentemente mais, imumanos como as linguagens binárias de que as máquinas se utilizam para se comunicar entre si e com o homem (a linguagem do computador, por exemplo), até tudo aquilo que, na natureza, fala ao homem e é sentido como linguagem. Haverá, assim, a linguagem das flores, dos ventos, dos ruídos, dos sinais de energia vital emitidos pelo corpo e, até mesmo , a linguagem do silêncio, sem falar do sonho que, desde Freud, já sabemos que também se estrutura como linguagem”. (Santaella, 1983, p.13) .

[▼] A expressão jogos lingüísticos, usada por Wittgenstein, significa dar ordens e cumpri-las; descrever a aparência de um objeto e indicar as medidas; construir um objeto partindo de uma descrição (desenho); inventar uma história e lê-la descobrir enigmas.

Sendo assim, no Séc XX nascem duas ciências da linguagem: a **lingüística** como ciência da linguagem verbal e a **semiótica**, ciência de toda e qualquer linguagem. A linguagem também é entendida como produto do pensamento, determinado conforme a fase do desenvolvimento humano.

A seguir, um exemplo de como a linguagem é um produto do pensamento:

“ Por ocasião do Natal, uma repórter de televisão, procurando ver como a criança percebe Papai-Noel, símbolo desta festividade, perguntou a um menino de oito anos:

- Como é Papai-Noel?

O menino respondeu que é alto, tem botas, usa roupas vermelhas, tem um gorro e leva um saco.

Estes que estão aí nas lojas são o Papai-Noel?

Não são.

Então, onde está Papai-Noel?

O menino pensou um pouco, concentrou-se e respondeu:

Não existe.” (Teles, 1986, p. 165)

Esta significação é um produto do pensamento, explicitado por Vygotsky que, ao falar de linguagem, estava interessado em um modelo de produção do pensamento no qual a linguagem tem um lugar determinante, desempenhando funções específicas, sendo o mais importante esquema de mediação do comportamento humano.

A palavra não é possível senão pela linguagem, pela função que nos permite fazer corresponder os signos a nosso pensamento. Segundo Fazenda (1995) *“a palavra é que torna o mundo humano”*.

Para Vygotsky o significado é fenômeno do **pensamento** apenas quando o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é fenômeno da fala na medida em que a palavra está ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. A união palavra e pensamento é um fenômeno do pensamento verbal e da fala significativa. Ele estudava a linguagem como construtora do sujeito. Abordou a questão do pensamento - linguagem em toda sua extensão, tratando - a como um objeto concreto de pesquisa e captando a real importância dessa relação no processo de evolução do homem.

A relação pensamento e palavra tem que ser considerada como um processo vivo, o pensamento nasce através das palavras. A relação pensamento e palavra não é algo já formado e constante, mas surge ao longo do desenvolvimento e se modifica. A estrutura da fala não é um mero reflexo da estrutura do pensamento. Esse passa por muitas transformações até chegar à fala.

A relação pensamento - linguagem é a chave para a compreensão da natureza da consciência humana, tem uma função organizadora e planejadora do pensamento, também função social e comunicativa.

Um exemplo de como as línguas naturais e a cultura influencia na comunicação dos povos desde a antiguidade:

“Ora, toda a terra tinha uma só linguagem e um só modo de falar. Viajando os homens para o Oriente, acharam uma planície na terra de Shinar; e ali habitaram.(...) Disseram uns aos outros: (...) Vinde,

edifiquemos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue até o céu e façamo-nos um nome; para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Porém, desceu Jeová para ver a cidade e a torre (...) Disse Jeová: Eis que o povo é um só e todos eles têm uma só linguagem. Isto é o que começam a fazer: agora nada lhes será vedado de quanto intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que não entendam a linguagem um do outro. Assim Jeová os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel.(...)” (Gênesis, 11).

O estudo da linguagem baseia-se na interpretação e estudo dos símbolos, todos os sinais feitos pelo homem quando escreve, desenha ou fala são chamados signos. A semiologia tem como objeto de estudo tanto os signos da linguagem verbais quanto das linguagens não verbais. O estudo dos símbolos da linguagem verbal é realizado pela lingüística. Grande parte dos estudos da lingüística baseia-se no estruturalismo, sendo esta a principal base teórico-metodológica dessa ciência.

Uma das grandes contribuições da lingüística para o desenvolvimento do estudo da linguagem foi a criação da metalinguagem, que é a utilização de símbolos para descrever a linguagem. Todas as ciências têm uma metalinguagem. As ciências exatas utilizam a metalinguagem formal, que usam símbolos abstratos, como a física, a matemática; já as ciências humanas em geral (história, geografia, sociologia, etc.) utilizam a metalinguagem não-formal, que se vale da linguagem ordinária para se expressar. O estudo filosófico da linguagem ordinária é discutido pela filosofia da linguagem ordinária, que “...*Considera assim a linguagem como uma prática social concreta que reflete as formas de vida existentes na sociedade ou comunidade da qual é linguagem e que a constituem.*” (Souza Filho, 1984, p.37).

No campo filosófico, a filosofia da linguagem é considerada por muitos filósofos como uma área onde a maioria das análises não respondem às dúvidas e questões propostas, levando muitas vezes a uma posição dogmática e especulativa; já o estudo da linguagem ordinária permite um avanço pois permite ao filósofo um duplo aspecto: o recurso à linguagem para solucionar problemas identificados a partir da própria linguagem e assim atingir a linguagem através da qual os próprios problemas são formulados. (Souza Filho, 1984, p.12)

Outra grande contribuição da lingüística foi a elaboração das funções constitutivas da natureza da linguagem. Segundo Orlandi (1987), essas funções são:

Função expressiva - centrada no emissor

Função conotativa - centrada no receptor

Função referencial - centrada no objeto da comunicação

Função fática - centrada no canal, no contato que liga emissor e receptor

Função poética - centrada na mensagem

Função metalingüística - centrada no código.

Segundo Habermas apud Souza Filho, 1984 o uso da linguagem constitui um ato de entendimento mútuo, onde sempre se faz necessário a possibilidade de reinterpretar o que foi dito. A linguagem só é usada eficazmente para comunicação se os interlocutores tiverem em princípio, uma confiança recíproca.

Além da linguagem verbal (línguas) existem outras formas de linguagem desenvolvidas pelo homem, como a linguagem matemática, artística, cinematográfica,

televisiva, etc. O uso de diferentes formas de linguagem é determinado pelas duas formas de pensamento, que segundo Aranha (1986) são:

-pensamento concreto, que se forma a partir da percepção, da representação dos objetos reais;

-pensamento abstrato, que estabelece relações e cria conceitos e noções abstratas.

Para pensar num conceito ou idéia, faz-se necessário o uso da língua como sistema de signos, e assim transcender o significado original do conceito. Como toda língua é regida por um sistema de regras e estruturas próprias, pode-se avaliar que o pensamento, as idéias e os conceitos não são formulados da mesma forma quando se utilizam línguas diferentes. Toma-se por exemplo o francês e o inglês, em ambas as línguas há um único verbo para designar os verbos ser e estar em português, *être* em francês e *to be* em inglês. Dessa forma, ser e estar não têm diferença nessas línguas.

Outro exemplo bem interessante é a língua chinesa, cuja escrita é baseada em ideogramas, e não em sinais alfabéticos. Dessa forma, para um chinês, o que importa não é a leitura da palavra e sim o significado da palavra, o que permite a falantes de diferentes dialetos ou até mesmo de outras línguas como o japonês e o coreano entenderem um texto escrito em chinês. No entanto essa forma de escrita tem o inconveniente necessitar o aprendizado de um grande número de ideogramas, ao contrário das escritas alfabéticas.

O uso político e ideológico da linguagem pode ser visto através do poder da televisão e do cinema em nossa sociedade. Impõe-se um padrão cultural e de consumo através da televisão, do cinema e dos meios de comunicação em geral.

"Toda vez que a questão da linguagem aparece, de uma forma ou de outra, significa que uma série de outros problemas está começando a se impor: a formação e o crescimento da classe dominante, a necessidade de estabelecer laços mais estreitos e firmes entre esse grupo dominante e a massa popular nacional, isto é, de reorganizar a hegemonia cultural". (Gramsci).

O papel ideológico dos meios de comunicação pode ser visto em muitos países, como por exemplo na Itália, onde a unificação lingüística através da difusão do dialeto toscano como idioma oficial se deu de forma mais intensa e eficiente através da imprensa e dos meios de comunicação: é claro que também o Estado italiano teve grande importância no processo na medida em que impôs a todo país o ensino obrigatório do dialeto toscano como idioma oficial. Se forem analisados outros exemplos, teremos fatos semelhantes, como na Espanha onde a durante ditadura franquista reprimiu as outras línguas do país, como o catalão, o basco e o galego, impondo o castelhano como idioma oficial.

Mais recentemente podemos verificar o grande papel da linguagem televisiva e cinematográfica na sociedade atual. O cinema sempre foi utilizado como instrumento de propaganda política, como os filmes de Goebbels na Alemanha nazista, que mesmo diante de uma derrota eminente no final da Segunda Guerra, deslocou duzentos mil soldados das frentes de batalha para servirem de figurantes em um filme. Serguei Eisenstein, um cineasta incomparavelmente superior também realizou filmes de propaganda oficial na URSS.

A televisão representou uma verdadeira revolução nas formas de linguagem na medida em que permitiu a combinação de formas de linguagem diferentes, unindo não apenas a imagem e o som, como também servindo como um veículo de comunicação e difusão de idéias novas. O outro lado é seu papel ideológico ligado ao incentivo ao consumo, o que é a base deste veículo de comunicação.

Muitos autores consideram que não apenas o homem possui linguagem, os animais também possuem formas de linguagem, como as baleias e golfinhos que emitem sinais sonoros entre si; as abelhas, que realizam uma espécie de dança para mostrar às companheiras onde encontrar pólen; alguns animais e insetos utilizam-se de sinais químicos para demarcar territórios e impor sua presença. No entanto, nem todos concordam com essas afirmações, pois consideram que por ser a linguagem um sistema simbólico, e sendo o homem o único animal capaz de criar e interpretar símbolos, esta é portanto uma característica exclusivamente humana.

A semiótica:

A partir daqui discutiremos a linguagem baseada na doutrina dos signos, ou semiótica de Pierce, sendo que para Pierce **Lógica** é apenas um outro nome para a semiótica.

Segundo Buzzi (1992), os signos ou palavras são os termos básicos da língua que falamos. Ao usá-los, imediatamente a linguagem nos inspira a compor frases expressivas, representativas (denominativas ou cognitivas) e comunicativas da realidade.

“Os signos definitivos que compõem os arranjos linguísticos fraseados estão na dependência de um significante nem sempre pensando. Embora desconhecido, este significante maior dá sentido a todos os signos da linguagem. Para Marx o social, para Freud o desejo, para Kant a coisa em si, para Heidegger a presença, são o significante maior que encadeia todos os signos que compõem todas as frases”. (Buzzi, 1992. p.251).

Para Peirce um **signo**, ou representamen, é um **Primeiro** que se põe numa relação triádica genuína tal para com um **Segundo**, chamado seu **objeto**, que é capaz de determinar um **Terceiro**, chamado seu **interpretante**, o qual se coloque em relação ao objeto na mesma relação triádica em que ele próprio está com relação a esse mesmo objeto. A relação triádica de Peirce é: o signo ou representante, o objeto ou referente, e o sujeito ou interpretante.

E, para Sandmann (1993) dependendo do modo como se estabelece a relação entre signos teremos o símbolo, o índice e o ícone: se a ponte da relação é arbitrária ou convencional, temos o **símbolo**; se a relação tem base na experiência, na história, na coocorrência ou na contigüidade, temos o **índice**; se a relação tem fundamento na semelhança, temos o signo chamado simile ou **ícone**.

O princípio que faz com que o significante de um signo se refira a outro objeto ou referente tiver base na semelhança, teremos a metáfora, e, se esse princípio de transferência tiver como base a contigüidade, teremos a figura de linguagem chamada metonímia. A imagem da cruz (+), que guarda semelhança com o objeto, é um ícone. A

palavra cruz, no texto: essa tarefa é uma pesada cruz para mim é uma metáfora, sinônimo de sofrimento, ao passo que se a cruz está por cristianismo teremos um índice, pois a base da transferência é a contigüidade histórica.

Sobre a semiótica ou semiologia, a diferença só está na utilização do termo semiologia pelos europeus e semiótica pelos anglo-saxões.

A semiótica é a ciência que estuda todo o tipo de linguagem (a verbal e a não-verbal).

A Semiótica pode ser vista como remontando de dois pioneiros contemporâneos:

No campo da linguística (fala e a língua humanas): Ferdinand de Saussure, que visualiza os desenvolvimentos possíveis sob o rótulo de semiologia, palavra cunhada por ele, a partir naturalmente do grego **semeion** (quer dizer signo)

No campo da filosofia (opera com signos construídos que sempre se chega a novas idéias): Charles Sanders Peirce, escolheu o nome **semiótica**, também do grego, (Semiosis = ação do signo) mas não por ele, derivou sua visão do desenvolvimento a partir do texto de John Locke em Ensaio sobre o entendimento humano.

A preocupação fenomenológica constituiu-se na base fundamental de toda sua filosofia desde 1867, observa os fenômenos e através da análise, postula as formas ou propriedades universais desses fenômenos. A fenomenologia é totalmente independente das ciências normativas.

Charles Sanders Peirce (1839 - 1914), físico, matemático e filósofo norte-americano, morreu aos 75 anos de idade, foi o criador da lógica da linguagem, denominada por ele semiótica.

As denominações das categorias estabelecidas por Peirce datam de 1867, sendo:

1ª. Qualidade: primeiridade ou monádica é a captação do fenômeno de maneira espontânea ou imediata. É a **idéia** (ícone - signo). Ex. cruz (+).

2ª. Relação: razão: secundidade ou diática é a construção do signo, a relação com materialidade. É o **objeto** (índice). Ex. cruz para o Cristianismo.

3ª. Representação: mediação: terceiridade ou triádica é o interpretante, que faz a ligação entre os dois, numa interpretação do **mundo** (símbolo). Ex. Esta tarefa é uma cruz pesada para mim.

A partir desta terceira categoria: a **representação**, é importante "navegarmos" pela semiologia cartográfica, na qual vem mais explicitada, vez que nesta se enquadra a representação do mundo e dos lugares.

Semiologia Cartográfica

No Brasil, os estudos semióticos de Peirce tiveram início em 1972 e só em 1974 foi fundada a Associação Brasileira de Semiótica.

É através da semiologia gráfica que estão embasadas as representações cartográficas e a estas compete a comunicação entre povos e civilizações para que haja o entendimento cultural do espaço geográfico e, conseqüentemente, de sua transformação.

Para Peirce representar é estar em lugar de, isto é, estar em uma tal relação com o outro que, para certos propósitos, é considerado pôr uma mente, como se fosse esse outro.

A Cartografia é uma ciência que utiliza-se de uma linguagem universal porque se vale de um sistema de signos compreensíveis por todos, é uma linguagem visual (imagens) que é o objeto da semiologia gráfica. Sendo o Prof^o Jacques Bertin do "Laboratoire de Graphique da Escola des Hautes Etudes en Sciences Sociales", a expressão máxima do desenvolvimento no assunto.

A semiologia gráfica aplicada à Cartografia, segundo Joly (1990) permite avaliar as vantagens e os limites das variáveis visuais empregadas na simbologia Cartográfica racional da linguagem cartográfica. Hoje esta linguagem é consideravelmente modificada pela informática e pela automação:

"Um mapa é, definitivamente, um conjunto de sinais e de cores que traduz a mensagem expressa pelo auto. Os objetos cartografados, materiais ou conceituais, são transcritos através de grafismos ou símbolos, que resultam de uma convenção proposta ao leitor pelo redator, e que é lembrada num quadro de sinais ou legenda do mapa." (Joly, 1990, p. 17).

O aparecimento dos computadores se deu por volta de 1946, mas foi nos anos 60 que a informática dedicou-se a automação do desenho e são empregadas duas espécies de sistemas automáticos aqueles cujo papel principal é gerar um banco de dados cujos registros cartográficos são um produto dentre outros e aqueles cujo objeto é prioritariamente a produção de mapas.

A simbologia cartográfica consiste num arranjo convencional das manchas significativas localizadas em implantação pontual, linear ou zonal.

A semiologia gráfica estabelece suas regras, ou pelo menos seus princípios, tal como a gramática estabelece os da língua escrita ou o solfejo os da música.

O progresso dos estudos científicos tem permitido reconhecer que: *"O trabalho e a linguagem estão intimamente ligados ao desenvolvimento desta propriedade do cérebro humano, a consciência, de refletir a realidade objetiva". (Triviños, 1987, p.62.).*

Como a representação é um produto do pensamento, a linguagem também é resultado das necessidades humanas que, pelo aperfeiçoamento do trabalho, segundo Engels, contribui necessariamente para que os membros da sociedade se aproximassem mais uns dos outros, criando a linguagem, uma vez que: *"...os que estavam tornando-se homens chegaram ao ponto em que tinham algo para dizer entre si". (Triviños, 1987, p. 63).*

A linguagem, a semiótica e a cartografia são produtos da necessidade e produção humana, daí a constante transformação científico-social.

Referências Bibliográficas

- ARANHA, Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia.** São Paulo: Moderna, 1986.
- BERTINI, Jaques. **Semiologia graphique.** Paris: s.n., s.d., p.6-174.
Boletim da USP, São Paulo, v.21, n.2, 1980.
- BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem.** 21. ed. Petrópolis: Vozes. 1992.

- BURKE, Peter; PORTER, Roy (Org.). **História social da linguagem**. São Paulo: Unesp, 1997.
- CAMPOS, Carlos. **Ensaio sobre a teoria do conhecimento**. Belo Horizonte: Cardal, 1959.
- D'AMARAL, Márcio Tavares. **Filosofia da comunicação e da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.
- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FOLCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- FREDERICO, Lealis Guimarães. **Noções da semiótica peirceana**. Revista Terra Cultura Centro de Estudos Superiores de Londrina, v.11, n.23, jan/jul.1996. p.33-6.
- FREITAS, Maria Teresa De Assunção. **Vygotsky e Bakhtin. psicologia e educação: um intertexto**. 2. ed. São Paulo: Atica, 1995 1995.
- JOLY, Fernand. **A Cartografia**. Campinas: Papirus, 1990.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é lingüística**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PACHECO, Elza Dias (Org.). **Televisão, criança, imaginário e educação**. Campinas: Papirus, 1998.
- PIERCE, Charles Sanders, **Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- SANDAMANN, Antônio José. **A Linguagem da propaganda: linguagens espaciais – morfosintaxe e semática da propaganda - propaganda e retórica. contexto**. São Paulo: s.n., 1993.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 103).
- SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. **Filosofia, linguagem e comunicação**. São Paulo: Cortez, 1984.
- TELES, Antônio Xavier. **Introdução ao estudo de filosofia**. 24. Ed. São Paulo: Atica, 1986.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.